

ELIZA GRISWOLD

Paralelo 10

*Notícias da linha que
separa cristianismo e islã*

Tradução
Ângela Pessoa

Posfácio
Adriana Carranca

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Eliza Griswold
Copyright dos mapas © 2010 by Jeffrey L. Ward
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The tenth parallel — Dispatches from the fault line between Christianity and Islam

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Márcia Moura

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Griswold, Eliza

Paralelo 10 : notícias da linha que separa cristianismo e islã /
Eliza Griswold ; tradução Ângela Pessoa ; posfácio Adriana Car-
ranca. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The tenth parallel : dispatches from the fault
line between Christianity and Islam.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2104-5

1. Cristianismo e outras religiões – Islamismo 2. Islamismo –
Relações – Cristianismo I. Carranca, Adriana. II. Título.

12-04318

CDD-297.28309

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e islamismo : Relações 297.28309

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para além das ideias de transgressão e do reto proceder há um campo. Encontro você lá.

Rumi

O ser humano autossuficiente é sub-humano. Tenho dons que você não tem, consequentemente, sou único — você tem dons que não tenho, portanto você é único. Deus nos fez de modo a precisarmos uns dos outros...

Arcebispo Desmond Tutu

*Parei de perguntar
se ele é branco ou negro,
anarquista ou monarquista,
moderno ou démodé,
nosso ou deles,
e comecei a perguntar
o que existe nele de humano,
e é ele.*

Ryszard Kapuściński

Acredito em Deus, Deus. Meu Deus, eu acredito em Deus.

William Faulkner

Sumário

Mapa	14
Prólogo	17

PARTE I — ÁFRICA

NIGÉRIA

1. A rocha: Um	37
2. A rocha: Dois	50
3. A enchente	63
4. Seca	71
5. A tribulação	77
6. <i>Santos e mártires modernos</i>	90
7. O deus da prosperidade	94
8. “Raças e tribos”	107

SUDÃO

9. No começo	121
10. Religião e política externa	132

11. “Maionese missionária”	147
12. Justiça	163
13. Escolha	176
14. Arruinando o mundo	188

SOMÁLIA

15. “A verdadeira superpotência”	197
16. “Eles vão te matar”	210
17. Agente	221
18. “Uni-vos, homens do amanhã”	234

PARTE II — ÁSIA

INDONÉSIA

19. Para além da jihad	245
20. Noviana e o pelotão de fuzilamento	261
21. Começando a favor do vento	271
22. “Basta de Domingos Felizes”	280
23. Um mundo renovado	291
24. O conflito interno	304
25. “Alacracia”	308

MALÁSIA

26. A corrida para salvar as últimas almas perdidas	325
27. O casamento	343
28. O rio	349
29. <i>A maior história de todos os tempos</i>	353

FILIPINAS

30. Sequestro	363
31. A 2 mil pés	371

32. Reversão	383
33. Vitória ou martírio	391
34. Testemunhar	398
Epílogo	409
Notas	419
Bibliografia	433
Agradecimentos	441
Posfácio — Fé nos fatos — Adriana Carranca	443
Índice remissivo	457

Prólogo

O chefe estava passando o Domingo de Páscoa em sua cabana, que cheirava a fumaça rançosa proveniente de um fogo para cozinhar e a alguma coisa mais glandular: pânico. Quando o visitante de Washington abaixou-se para entrar, o chefe, um sujeito que andava em meados da casa dos cinquenta anos, chamado Nyol Paduot, levantou-se da espreguiçadeira branca de plástico com o joelho rígido. Passara vários dias vigiando a nuvem de poeira que se avizinhava, erguida por homens a cavalo e jipes. O que significaria que sua aldeia, a aldeia de Todaj, que oscilava na tensa e sombria fronteira entre o Norte e o Sul do Sudão, achava-se outra vez sob ataque. Ele era ranzinza e desleixado: exibia bolsas sob os olhos, a barba grisalha estava imunda, a camisa com estampas verdes e amarelas apresentava manchas de suor seco. Olhou com raiva para o visitante americano, Roger Winter, cujas pernas descobertas projetavam-se do short cáqui. Uma das pernas exibiu uma cicatriz de picada de cobra, que ele conseguira não muito longe dali, ao ajudar a negociar a paz em nome dos Estados Unidos. O acordo de 2005 supostamente poria fim a quase quarenta

anos de guerra civil intermitente entre o Norte e o Sul do Sudão, que matara 2 milhões de pessoas. Em alguns locais, o acordo de paz estancara o derramamento de sangue, o que permitiu ao Sul forjar um governo embrionário que se dizia “liderado por cristãos”. Nos termos do acordo, o Norte deveria atrair o Sul no sentido de continuar a fazer parte do Sudão unificado, concedendo-lhe voz no governo nacional e participação justa nos rendimentos do petróleo. Mas o Norte ignorou a maioria dos termos. O acordo de paz provou-se insignificante na fronteira entre os dois Sudões, que oscila e precipita-se como a leitura de um eletrocardiograma ao longo da latitude retilínea e monótona do paralelo 10.

O paralelo 10 é a faixa horizontal que circunda a Terra 1126 quilômetros ao norte do equador. Supondo-se que a África tenha a configuração de uma meia amarrotada, com a África do Sul no dedão do pé e a Somália no calcanhar, o paralelo 10 passa pelo tornozelo. Ao longo do paralelo 10, no Sudão, e em grande parte do continente africano, dois mundos colidem: o Norte predominantemente muçulmano, de influência árabe, opõe-se ao Sul negro africano, habitado por cristãos e por aqueles que seguem as religiões nativas — o que inclui os que veneram seus ancestrais e o espírito dos animais, a terra e o céu.¹ Quarenta e oito quilômetros ao sul (à latitude de 9°43'59”), a aldeia de Todaj assinalava a linha divisória onde essas duas visões de mundo conflitantes, seus governos disfuncionais e exércitos bem armados disputavam cada palmo de terra. O vilarejo pertencia ao maior grupo étnico do Sul, o ngok dinka. Em 2008, porém, quando Roger Winter visitou Nyol Paduot, o Norte ameaçava enviar seus soldados e milícias árabes para atacar a aldeia e reivindicar o rio subterrâneo de petróleo bruto leve, com baixo teor de enxofre, que corria sob os pés do chefe.

O petróleo foi descoberto no Sul do Sudão nos anos 1970 e o empenho no sentido de controlá-lo é uma das causas mais re-

centes da prolongada guerra. A luta no Sudão ameaçava dividir em dois o maior país africano, e ainda ameaça. Em 2011, o Sul agendou uma votação sobre permanecer como parte do Norte ou converter-se em país independente, composto de dez estados que se situam ao sul do paralelo 10 e fazem fronteira com Etiópia, Quênia, Uganda, República Democrática do Congo, República Centro-Africana e República do Chade.* Essa iminente separação — que, caso ocorra, provavelmente se dará em grande parte ao longo do paralelo 10 — significava que Todaj e Abyei, a próspera cidade petrolífera vizinha, cerca de dezesseis quilômetros ao sul, tinham importância vital. Qualquer dos lados que as controlasse dominaria cerca de 2 bilhões de barris de petróleo.

Além de Paduot e de seis anciãos reunidos em sua cabana, a aldeia parecia deserta. Compelidas pelos disparos e por boatos de guerra, as quinhentas famílias que ali viviam haviam fugido para o sul, temendo que Todaj estivesse prestes a ser varrida da face da terra. Seu medo era bem fundado: por três vezes, nos últimos vinte anos, soldados do Norte haviam sitiado Todaj, estuprando mulheres e crianças, matando e levando à força os rapazes e incendiando as choupanas de sapé dos aldeões e a igreja episcopal de feno.

Era o fim da estação seca, e uma brisa agitava o ar sobre aquele trecho incolor de terra árida, deserta a não ser pelas moedas vazias e algumas vacas esqueléticas que procuravam feno solto. As vacas que perambulavam famintas pela aldeia não pertenciam à população de Todaj, mas aos nômades árabes do Norte, os misseriyas, que, devido à seca sazonal, rumavam para o sul nessa época do ano a fim de pastorear seu rebanho. Paduot temia

* O referendo sobre a independência do Sudão do Sul realizou-se entre os dias 9 e 15 de janeiro de 2011. A quase totalidade dos eleitores votou a favor da independência. O Sudão do Sul tornou-se Estado independente em 8 de julho de 2011, sob a presidência de Salva Kiir Mayardit. (N. T.)

que, quando as chuvas começassem, dali a algumas semanas, e os nômades retornassem a seus próprios pastos mais verdes, nada impedisse os soldados do Norte (primos e filhos dos nômades) de atacar Todaj.

“Nós sabemos que, quando incendeiam nossa aldeia, eles querem a terra”, declarou o chefe, e um tradutor ngok dinka verteu as palavras para o inglês. Tais padrões lembravam os desdobramentos que ocorriam menos de oitenta quilômetros a noroeste, na região de Darfur, por serem os mesmos. Há três décadas, na época em que o atual presidente do Sudão do Norte, Omar Hassan al-Bashir, era general do Exército posicionado nessa fronteira, o governo do Norte, estabelecido em Cartum, aperfeiçoou os métodos de ataque, empregando cavaleiros paramilitares chamados Janjawiid, que agora mobilizavam em Darfur. Todaj encontrava-se diante da mesma ameaça, mas, à exceção de Roger Winter, muito poucas pessoas estavam cientes da catástrofe iminente. Na rádio BBC, Paduot ouvia muita conversa a respeito de Darfur. Embora o mesmo estivesse ocorrendo ali, ao longo da fronteira, isso raras vezes se tornava notícia internacional. As duas frentes tinham muito em comum, visto que todas as guerras do Sudão reduzem-se a uma quadrilha central, baseada em Cartum, combatendo as populações nas periferias. As únicas diferenças entre Darfur e Abyei, explicou o chefe, eram a religião e o petróleo. Em Darfur, não havia petróleo e ambas as facções eram muçulmanas, um confronto que ele não entendia. “Por que muçulmanos lutariam contra muçulmanos?”, perguntou em voz alta.

Aqui, o Norte promovera seus ataques em nome da jihad, a guerra santa, sob a alegação de que o islã e a cultura árabe deveriam reinar supremos no Sudão. O chefe Paduot, que sobrevivera a várias conflagrações semelhantes, passara a ver o islã como instrumento de opressão, que os nortistas estavam empregando para suprimir sua cultura e anular a reivindicação de seu povo à terra e ao petróleo que esta encerrava.

“Agora as pessoas odeiam o islã”, disse ele. Tendo entrado atrás de Winter, relanceei os olhos pela cabana para ver se as anções estavam surpresos com o comentário do chefe. Se estavam, nenhum indício cruzou-lhes o rosto, que demonstrava apenas temor e exaustão.

Em desacato ao Norte, a maioria dos aldeões batizara-se como episcopal — rezava diariamente, frequentava a igreja aos domingos e havia abandonado as vestimentas muçulmanas largas, de mangas cumpridas, em favor das camisas abotoadas de mangas curtas, ao estilo do Ocidente, ou de baticques refulgentes. Para eles, “islã” agora era apenas um termo genérico para designar o governo, o povo e as políticas do Norte.

A raça, assim como a religião, era um grito de guerra nesse conflito complicado. Os árabes do Norte, de pele mais clara, menosprezavam o povo do Sul, de pele mais escura, disse Paduot devagar. Ele parecia cansado de dar explicações a estranhos. De que adiantavam pessoas sérias e bem-intencionadas como nós, que chegavam com suas garrafas de água e seus laptops para registrar os detalhes de uma situação, mas que nada podiam fazer para impedi-la?

As divisões entre Norte e Sul ao longo do paralelo 10 datam de séculos, e o regime colonial apenas as reforçou. Há cem anos, os colonialistas britânicos que governavam o Sudão praticamente entregaram a faixa de terra ao sul do paralelo 10 à Igreja Católica Romana. Daniel Comboni, um estimado missionário italiano do século XIX, canonizado em 2003, liderou as campanhas católicas na África Central, com o expresso objetivo de “salvar a África através dos africanos”.² Sob a direção de Comboni, a Igreja Católica administrava todas as escolas e hospitais (e proibia os missionários protestantes de fazer proselitismo) até que, em 1964, o governo do Norte, empregando o islã como uma forma de nacionalismo, expulsou os missionários do país. Os cristãos africanos — não

ocidentais — permaneceram para liderar a Igreja local, que se viu na ocasião, tal como agora, sob o fogo do Norte, como uma instituição pagã estrangeira. Essa posição não mudou, explicou Peter Suleiman, o padre católico local. “Todos os dias, suportamos a penúria do Sul. Ainda se ouve a promessa de morte.” E o petróleo tornou as coisas piores. “O Norte acredita que o petróleo é uma dádiva de Deus para o povo muçulmano”, disse ele. Embora a Igreja Católica ainda conserve certa influência ao longo dessa fronteira, o padre Suleiman informou que uma afluência de igrejas protestantes mais carismáticas ganhava terreno. Na aldeia de Today, muitos aldeões estavam convencidos de que permaneciam vivos unicamente por terem orado a Jesus Cristo pedindo proteção.

Tendo nascido em uma família que orava a deuses ancestrais, o chefe Paduot tornou-se muçulmano nominal para ter acesso à escola (prática iniciada pelos missionários cristãos e hoje emulada por Cartum). Através de um processo forçado de islamização, o Norte obrigou o povo a declarar-se muçulmano pela recitação da Shahada — “Não há outro deus além de Alá [Deus] e Maomé é Seu mensageiro” — e a adoção de nomes muçulmanos, a fim de frequentar a escola, obter emprego, evitar a prisão ou mortes violentas. Por volta dos quarenta anos, Paduot, chefe de nascimento, decidiu que desejava renunciar ao islã e tornar-se católico. Mas as forças de segurança do Norte ameaçaram o sacerdote católico local, padre Marco, advertindo que o torturariam caso batizasse o chefe. (Também comunicaram a Paduot que iriam apedrejá-lo caso se tornasse um “apóstata do islã”.) Paduot absteve-se de converter-se ao catolicismo para salvaguardar sua aldeia de mais problemas. “Permaneci no islã a fim de proteger meu povo”, disse ele, mas, para manifestar sua independência, retornara às práticas nativas de sua juventude — conhecidas como as nobres crenças espirituais. Tanto cristãos quanto muçulmanos menosprezavam a religião nativa local, visto que esta não ensinava os devotos a

seguirem o Deus único e verdadeiro. O que era ignorância da parte deles, declarou Paduot. “Também veneramos um Deus Criador, e então deuses menores.”

Além disso, Paduot casara-se com uma episcopal. A essa altura, ele nos conduziu para fora da cabana — as paredes espessas e arredondadas lembrando o caule enlameado de um cogumelo — e apontou para uma fileira do que pareciam ser minúsculos espantalhos feitos de casca de milho ao longo do telhado da sua e das demais cabanas. “São cruzes”, explicou o chefe. Suas pontas desfiadas brilhavam à luz azul-acinzentada da tarde; eram símbolos que assinalavam o início do Sul, e lembretes visuais a todos que entrassem na aldeia de que aquele era um povoado cristão, explicou o chefe. Apertando os olhos em direção ao céu encoberto para observá-las, refleti sobre o fato de aqueles totens esfarrapados também representarem oferendas em troca de proteção divina.

Contudo, ao que parecia, as cruzes provavam-se tão ineficazes quanto o telefone via satélite do chefe, que pendia, pelo cabo de alimentação, de dois painéis solares portáteis no telhado de sapé de sua cabana. Não havia mais ninguém a quem telefonar para pedir ajuda. Ainda que seu primo, Francis Deng, estivesse servindo como Representante Especial das Nações Unidas para Prevenção de Genocídio, e, embora Paduot se reunisse regularmente com autoridades locais da ONU, representantes do governo do Sul e visitantes como Roger Winter (dirigente de longa data do Comitê dos Estados Unidos para Refugiados, que intercedera com empenho a favor do Sul em Washington e Cartum), ninguém podia fazer nada para impedir o ataque iminente.

Na superfície desse conflito, dois grupos, o do Norte e o do Sul, muçulmano e cristão, competiam por terra e água. Em um nível mais profundo, porém, as pessoas agora eram fantoches de seus respectivos governos, e Paduot sabia disso.

Ele exibiu um mapa desgastado, amolecido pelo uso, e apontou para três anotações em inglês: PUMP 1, PUMP 2, PUMP 3 (bomba 1, bomba 2, bomba 3). Estas indicavam os campos petrolíferos da Greater Nile Petroleum Operating Company — um consórcio de participação chinesa, malaia, indiana e sudanesa, que operava no Sudão com as bênçãos do presidente Al-Bashir. Ao mesmo tempo, Al-Bashir exortava seus guerreiros sagrados, ou *mujahidin* — a quem chamava “legítimos filhos da terra” —, a reerguerem-se para a jihad. Estava, mais uma vez, usando raça e religião para salvaguardar os interesses do petróleo antes que o país enfrentasse a divisão iminente.

Alguns de seus soldados achavam-se estacionados a 180 metros de distância, atuando como sentinelas na fronteira Norte-Sul, cuja localização era determinada por quem fosse forte o bastante para empurrá-la alguns centímetros em uma ou outra direção. Ao redor de seu quartel improvisado, surgiam acampamentos de nômades, como se estes estivessem se preparando para a guerra. Ao longo das últimas semanas, enquanto Paduot observava, os soldados haviam recebido carregamentos de rifles automáticos e lança-foguetes. Se ocorresse uma ruptura total entre Norte e Sul, advertiu Paduot, teria início bem ali, com aquelas armas. Um vigia da aldeia entrou e sussurrou em seu ouvido. De repente, parou de falar: soldados roçavam a parede externa da cabana, ouvindo cada palavra.

Na África, o espaço entre o paralelo 10 e o equador assinala o fim do Norte árido do continente e o começo da floresta sub-saariana. Vento, outras intempéries e séculos de migrações humanas fizeram com que as duas religiões ali convergissem. Cristianismo e islã compartilham uma história de 1500 anos na África. Tudo começou em 615, quando Maomé, correndo risco de vida em casa, na península Arábica, enviou uma dezena de seguido-

res e membros da família à procura de abrigo na corte de um rei cristão africano na Abissínia (atual Etiópia). Menos de uma década após a morte de Maomé (em 632), os primeiros exércitos muçulmanos chegaram à África, seguindo em direção ao sul a partir do Egito, rumo ao atual Sudão. Lá, estabeleceram um acordo de paz — o primeiro do gênero — com os antigos reinos núbios cristãos ao longo do rio Nilo. O pacto durou seis séculos. Em seguida, as guerras religiosas eclodiram. Em 1504, o último dos reinos cristãos no Sudão foi derrotado pelos exércitos muçulmanos.

Do século VII ao século XX, comerciantes e missionários muçulmanos introduziram o islã no terço mais setentrional da África, estabelecendo rotas comerciais da cidade sagrada de Meca, na Arábia Saudita, ao reino de Timbuktu, na África Ocidental. Longe do litoral, atravessar a região sem acesso ao mar ao sul do paralelo 10 provou-se difícil; a savana, densa e monótona, cedia lugar a arbustos mais encorpados, que abriam caminho aos pântanos cor-de-esmeralda e à selva. Ao longo do paralelo 10, origina-se o cinturão das moscas tsé-tsé; e esses insetos hematófagos, do tamanho de uma mosca doméstica e transmissores da tripanossomíase africana (doença do sono),³ quase detiveram a propagação do islã rumo ao Sul.

A leste, 8 mil quilômetros ao largo da costa africana, para além do oceano Índico, forças naturais também moldaram o encontro entre cristianismo e islã em nações do Sudeste Asiático como Indonésia, Malásia e Filipinas. A partir do século VIII, os ventos alísios — correntes de ar de alta pressão que se deslocam regularmente de ambos os polos rumo ao equador — enfunaram as velas tanto de comerciantes muçulmanos quanto de cristãos, provenientes do hemisfério norte. Esses ventos confiáveis impeliam embarcações cristãs e muçulmanas às mesmas ilhas, praias e portos, em seguida devolviam à Europa ou à península Arábica os navios pesados de cargas de canela e cravo-da-índia.

Os ventos alísios fazem parte da zona de convergência intertropical, um sistema meteorológico que se desloca rumo ao norte ou ao sul do equador, dependendo da estação. Nessa zona, correntes de vento do hemisfério norte encontram-se com as do hemisfério sul. Quando os dois ciclos colidem de frente, geram tempestades cataclísmicas. Na Ásia, essas tempestades têm início durante a estação das monções e em geral giram para oeste rumo à África, onde as mais violentas seguem para oeste ao largo da costa africana em Cabo Verde, atravessam o oceano Atlântico e transformam-se nos furacões das Américas. Dentro dessa faixa, Ásia, África e Américas fazem parte de um único sistema meteorológico.⁴ (Um ano perigoso de monções na Ásia e de tempestades na zona africana de catástrofes, por exemplo, pode significar um ano funesto de furacões para a costa leste dos Estados Unidos.)

À medida que a Terra aquece, os ciclos preexistentes de inundação e seca no paralelo 10 tornam-se cada vez mais imprevisíveis, impossibilitando os nômades africanos, em sua maioria muçulmanos, e os agricultores (cristãos, muçulmanos e adeptos de crenças nativas), de valer-se dos padrões centenários de migrações, plantio e colheita. Eles precisam instalar-se em território novo para cultivar alimentos e apascentar o gado. Portanto, entre o equador e o paralelo 10, dois grupos com culturas e cosmologias nitidamente distintas confrontam-se de forma inevitável — como o fazem na aldeia sudanesa de Todaj.

As populações crescentes intensificam tais competições. Devido ao aumento explosivo do cristianismo nos últimos cinquenta anos, há hoje 493 milhões de cristãos vivendo ao sul do paralelo 10 — quase um quarto da população cristã mundial de 2 bilhões.⁵ Ao norte vive grande parte dos 367 milhões de muçulmanos do continente; estes representam quase um quarto do 1,6 bilhão de muçulmanos do planeta. Esses números são um lembrete efetivo de que quatro de cada cinco muçulmanos vivem fo-

ra do Oriente Médio. A Indonésia, com 240 milhões de habitantes, é o mais populoso país muçulmano do mundo. A Malásia é seu pequeno e abastado vizinho; as Filipinas, o vizinho maior e mais pobre. Juntos, os três países encerram uma população de 250 milhões de muçulmanos e 110 milhões de cristãos. A Indonésia e a Malásia são países predominantemente muçulmanos, com minorias cristãs que apresentam voz ativa. As Filipinas — com uma poderosa maioria católica (92 milhões de habitantes) predominantemente ao norte do paralelo 10 e uma minoria muçulmana (5 milhões de habitantes) ao sul — são o oposto. Este é um país francamente cristão desde 1521, quando Fernão de Magalhães plantou uma cruz no topo de um monte em uma das ilhas. O islã, porém, tendo chegado centenas de anos antes, conservou-se uma fonte de identidade e rebelião ao sul nos últimos quinhentos anos.

As populações da África e da Ásia estão se expandindo, em média, mais rápido do que as do restante do mundo. Enquanto a população global de 6,8 bilhões aumenta 1,2% a cada ano, na Ásia o percentual é de 1,4%, e na África duplica, atingindo 2,4%.⁶ Nesta zona frágil onde as duas religiões se encontram, as pressões forjadas pelo número crescente de pessoas e um contexto cada vez mais vulnerável acentuam as tensões entre cristãos e muçulmanos por causa de terra, comida, petróleo e água, e em consequência de práticas e visões de mundo obstinadas.

A pressão específica da religião, que cresce em ritmo veloz, também intensifica tais problemas. Cristianismo e islã acham-se na crista de revoluções que persistem há décadas: redespertares. Os fiéis adotam sinais visíveis de devoção — orações, alimentos, vestimentas e outros costumes sociais — que chamam atenção para as maneiras pelas quais diferem dos descrentes ao seu redor. Contudo, tais movimentos não dizem respeito apenas às demonstrações de devoção. Eles têm início no encontro direto com Deus.

Para os sufis, que constituem a maioria dos muçulmanos africanos, e os pentecostais, que correspondem a mais de um quarto dos cristãos africanos, a devoção principia na experiência extática. Os sufis seguem uma variante mística do islã, que se inicia com o convite para que Deus penetre no coração humano. Os pentecostais encorajam seus membros a um encontro visceral com o Espírito Santo, como o fizeram os discípulos de Jesus durante o banquete de Pentecostes, quando se puseram a falar em outras línguas.

Tais redespertares exigem a completa entrega do indivíduo e prometem, em troca, um caminho exclusivo rumo ao único Deus verdadeiro. “Esses movimentos nada têm a ver com a conversão a uma variante melhor da própria pessoa”, declarou Lamin Sanneh, teólogo de Yale e autor de *Whose religion is Christianity?* [O cristianismo é a religião de quem?]. “Têm a ver com a conversão a Deus.” Eles afirmam que o crente pode conhecer a Deus nesta vida e para todo o sempre na vindoura. Em troca, esperam que este faça proselitismo — para angariar novos adeptos — entre fiéis tanto de outras religiões como entre os menos fervorosos de sua própria, que geram novas dissensões.

Esses movimentos já estão remodelando a África, Ásia e América Latina — a região que chamávamos de *Terceiro Mundo*, ou mesmo *mundo em desenvolvimento*. Nos dias de hoje, analistas ocidentais liberais e conservadores, assim como muitos habitantes da região, empregam, em vez disso, o termo *Sul Global*. Essa denominação um tanto incômoda destina-se a descartar o legado do Ocidente, a desafiar a concepção de que o mundo inteiro está se desenvolvendo dentro de um contexto ocidental. Também se propõe a destacar uma acentuada mudança na demografia e influência entre os cristãos e mulçumanos do mundo. O protestante típico do momento atual é a mulher africana, não o homem

branco americano. Em muitos Estados fracos ao longo do paralelo 10, a força desses movimentos religiosos consiste no fato de o “Estado” significar muito pouco na região; os governos são estruturas hostis que não oferecem quase nada aos cidadãos em termos de serviços ou direitos políticos. Essa deficiência é especialmente pronunciada onde as fronteiras nacionais contemporâneas originaram-se como nada mais que linhas traçadas sobre mapas coloniais. Como consequência, outros tipos de identidade tomam a dianteira: a religião acima de tudo — e até mesmo raça ou etnia — torna-se um meio de salvaguardar a segurança individual e coletiva neste mundo e no vindouro.

Em muitos casos, portanto, os ganhos de um lado implicam perdas no outro. A revivificação fornece não apenas um padrão para a vida cotidiana, mas uma forma de defesa comunitária, articulando as pessoas, fornecendo-lhes um objetivo e um projeto comuns e incitando-as a arriscar a vida nessa busca. Em muitos casos o final é a libertação, e os meios para a libertação incluem o martírio e a guerra santa. No islã, talvez seja mais fácil entender como os fiéis podiam enxergar um retorno à lei religiosa como supressão da corrupção semeada pelo colonialismo. Mas também no cristianismo a religião tornou-se um recurso para a emancipação política, sobretudo entre o equador e o paralelo 10, onde cristianismo e islã se reúnem. Muitos cristãos que vivem em tais Estados pertencem a minorias étnicas não muçulmanas que compartilham a experiência de serem escravizadas por muçulmanos do Norte e percebem-se vivendo na linha de frente do cristianismo, na batalha contra a dominação islâmica. Na Nigéria, no Sudão, na Indonésia, nas Filipinas e em outras partes, os cristãos perderam igrejas, casas e familiares nos violentos confrontos. Ao mesmo tempo, assim como seus adversários muçulmanos, eles consideram o Ocidente desenvolvido uma região ímpia, que desertou sua herança cristã.

* * *

Comecei minha investigação jornalística sobre essa linha divisória baseada na fé em dezembro de 2003, quando viajei com Franklin Graham — filho de Billy Graham, e dirigente de um próspero império evangélico — a Cartum, para conhecer sua nêmesis, o presidente Omar Hassan al-Bashir, cujo regime estava travando a mais violenta jihad moderna do mundo tanto contra cristãos quanto contra muçulmanos no Sul do Sudão. Além disso, Al-Bashir estava iniciando a campanha genocida em Darfur. (Em 2009, o Tribunal Penal Internacional em Haia emitiu um mandado de prisão para Al-Bashir por crimes de guerra e crimes contra a humanidade.) No salão de recepção sepulcral em mármore do palácio de Al-Bashir, os dois homens puseram-se a discutir enfaticamente a respeito de quem converteria quem. Os dois aderiam a visões de mundo bastante distintas: seus fundamentalismos opostos baseavam-se na crença de que havia uma — e apenas uma — maneira de crer em Deus. Ao mesmo tempo, suas políticas religiosas expandiram-se rumo a uma disputa entre culturas e representavam a forma pela qual os muçulmanos do mundo e o Ocidente acabaram por se desentender. Presenciar tal conversa foi como assistir a emissários de duas civilizações distintas enfrentarem-se por um prato de pistache.

Pouco depois, comecei a viajar na faixa entre o equador e o paralelo 10. Visitei locais onde as duas religiões amiúde se confrontam: Nigéria, Sudão, Somália e o Chifre da África; Indonésia, Malásia e Filipinas. Na última década, tem havido muita teorização sobre religião e política, religião e pobreza, conflitos e ajustes entre cristianismo e islã. Eu desejava ver como o cristianismo e o islã são vividos na prática, a cada dia, por um número considerável de fiéis vulneráveis e marginais — indivíduos que também fa-

zem parte da história global da pobreza, da estratégia de desenvolvimento, das previsões de mudança climática e assim por diante.

Nenhuma teoria a respeito de política religiosa ou violência religiosa em nosso tempo pode se dizer completa sem computar os quatro quintos de muçulmanos que vivem fora do Oriente Médio, ou as populações crescentes de cristãos evangélicos cuja fé relaciona-se a sua luta por recursos e pela sobrevivência. Eu desejava ir a locais onde tais vidas são de fato vividas, onde as guerras em nome da religião não são campanhas da mídia na internet para “controlar uma narrativa global”, e sim guerras reais, travadas de aldeia em aldeia, de esquina em esquina.

Eu desejava, sobretudo, registrar as histórias entrelaçadas daqueles que habitam esse território e cujas crenças religiosas configuram sua perseverança diária. Embora seja fácil enxergar cristianismo e islã como forças poderosas e estáticas, eles encontram-se em perpétuo movimento. Ao longo do tempo, cada uma dessas religiões moldou a outra. A religião é dinâmica e fluida. O fato mais frequentemente negligenciado no que diz respeito às renovações religiosas do tipo que ora se desdobram entre o equador e o paralelo 10 é que estas originam divisões no seio das próprias religiões. Dizem respeito à luta sobre quem fala em nome de Deus — um confronto que tem lugar não apenas entre religiões rivais, mas em seu interior. Isso é tão verdadeiro no Ocidente quanto no Sul Global. As religiões, assim como o clima, vinculam-nos uns aos outros, quer gostemos, quer não.